

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: 19 Estado de S. Paulo Class.: ZUR/1980/1

Data: 03/06/80

Pg.: _____

Missionários localizam grupo indígena no Purus

Do correspondente em
Manaus

Uma equipe de quatro missionários da prelazia de Labréa, conseguiu entrar em contato, pela primeira vez, com um grupo de índios arredios e totalmente desconhecidos, que se presume sejam Coxo-doás, que habitam a região do Igarapé Pretão, um subafluente do Cananaú, no Rio Purus. Desde outubro de 1978, a equipe vem tentando fazer contato com os índios, cuja integridade física, hoje, começa a ser ameaçada, com a construção de um subtrecho da Transamazônica, ligando Labréa a Benjamin Constant.

Os índios do igarapé Pretão, que os missionários julgavam pertencer à tribo dos marinans, segundo levantamento antropológico do antigo SPI, datado de 1930, foram localizados em meados de 78, por

meio de sobrevôos realizados pelo padre Gunter Kroemer, que, em seguida, com a ajuda de mais três missionários leigos, fez várias penetrações por terra na mata, tentando atingir as malocas localizadas. As malocas, construídas de forma diferente, e que podem abrigar até 230 pessoas, estão localizadas em região praticamente inacessível, em terra firme, cortadas por várzeas alagadiças, por igapós e paranás, o que dificulta qualquer contato com a civilização.

A equipe, depois de várias tentativas — a primeira chegando a uma das oito malocas —, conseguiu, no dia 8 de maio passado, manter o contato com os índios que durou apenas seis horas, dentro de um clima de muita tensão, já que os missionários, e nem a própria Funai, sabem precisar a que grupo pertencem os índios, que falam uma língua totalmente diferente de qualquer outra língua da região, e

seus hábitos e costumes são totalmente desconhecidos.

Na manhã daquele dia, quando avistaram na mata várias crianças índias, os padres da equipe tiveram uma surpresa: um grupo de mais de 40 índios, todos guerreiros e armados, surgiu no acampamento dos missionários. Desconfiados com tudo que viam, eles não mostraram sinais de agressividade. Um índio — que dava a idéia de ser o líder do grupo — encontrou uma tesoura e começou a cortar os cabelos dos missionários, no corte que eles usam — em forma de cuia. Ouviram música gravada em fita cassete, dançaram com os missionários, comeram alguns alimentos e tiraram fotografias. Achavam graça de tudo e faziam sinais para a mata, dando a entender de que outro grupo se escondia na floresta, além de mostrar bastante experiência anterior no contato com os brancos.

Funcionários da Funai demitem-se

Da sucursal de
Brasília

Sete funcionários da Funai entre antropólogos, indigenistas e um médico demitiram-se ontem da Fundação alegando distorções na aplicação da política indigenista. Eles acusam a atual direção da Funai de não seguir os princípios ditados pelo marechal Cândido Rondon de respeito e apoio às comunidades índias e de perseguir os funcionários empenhados na defesa dessas comunidades.

O descontentamento dos funcionários aumentou este fim de semana, com a demissão dos técnicos indigenistas José Carlos Meirelles e Antonio Leite Batista, que traba-

ham com os Apurinãs, no Acre. Ontem, vários índios do Acre procuraram o presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga, para protestar contra as demissões e pela demora na solução da questão da reserva dos Apurinãs.

A presença dos índios no gabinete do presidente da Funai acabou causando tumulto entre o coronel e a imprensa. Os índios convidaram os jornalistas para participar da conversa com Nobre da Veiga. Irritado, Nobre da Veiga expulsou os repórteres afirmando que os índios "mandavam apenas em suas aldeias".

A noite, mais calmo, o coronel explicou que seu trabalho com os

índios vem sendo constantemente distorcido. "Acusam-me de ser inimigo do índio — disse ele —, mas temos tentado resolver os problemas na medida do possível."

Quanto à situação dos Apurinãs, explicou que o indigenista José Carlos Meirelles foi demitido por ter-se indisposto com todos os órgãos do governo da região, onde atua.

"Assim não dá — disse o coronel — o funcionário da Funai, antes de mais nada, deve agir como um juiz entre as duas culturas: a do branco e a do índio. Quando ele passa a defender um dos lados mais do que o outro está sendo parcial e, por isso mesmo, indesejável."